

## ESPACIALIZAÇÃO DAS ENTIDADES TRADICIONALISTAS EM SANTA MARIA (RS)<sup>1</sup>

### *SPATIALIZATION OF TRADITIONALIST ENTITIES IN SANTA MARIA (RS)*

Deise Caroline Trindade Lorensi<sup>2</sup> e Elsbeth Léia Spode Becker<sup>3</sup>

#### RESUMO

Na sociedade contemporânea, os estudos da Geografia Cultural ganham relevância, pois articulam diferentes aspectos sociais, culturais, naturais e econômicos em diferentes contextos temporais, para então descrever a forma como essas representações se espacializam na paisagem. No território do Rio Grande do Sul ganha destaque os elementos que compõem o cenário do tradicionalismo gaúcho e que reflete traços de permanência cultural em um universo em transformação. Neste sentido, objetivou-se mapear e analisar a organização espacial das entidades tradicionalistas na paisagem de Santa Maria (RS). Os procedimentos metodológicos passaram por uma revisão bibliográfica, levantamento fotográfico e visita às entidades tradicionalistas do município. A partir do mapeamento dos Centros de Tradição Gaúcha (CTGs) de Santa Maria, constatou-se que estas entidades tradicionalistas, em sua maioria, concentram-se no meio urbano, evidenciando a necessidade de culto à cultura sul-rio-grandense pela população citadina, e constituem-se um importante componente desencadeador para o convívio da população em suas múltiplas expressões sociais e culturais. Infere-se que, os CTGs promovem no meio urbano a experimentação coletiva, de encontro, de diálogo, de convivência das diferentes gerações e de sentimentos de identidade e de pertencimento da população em relação à tradição gaúcha.

**Palavras-chave:** geografia cultural, organização do espaço, tradicionalismo gaúcho.

#### ABSTRACT

*In contemporary society, Cultural Geography Studies are relevant because they combine different social, cultural, natural and economic aspects from different temporal contexts in order to describe how these representations are spatialized in landscapes. In the state of Rio Grande do Sul, elements that constitute the gaucho traditionalism scenario stand out since they have been seen as traits of cultural permanence in a changing world. Therefore, this study aimed to map and analyze the spatial organization of traditionalist entities in the landscape of Santa Maria (RS). The methodological procedures consisted of a review of the literature, a photographic survey and visits to traditionalist centers in the municipality. By mapping the Gaucho Tradition Centers (CTGs) of Santa Maria, it was found that these traditionalist entities are concentrated in urban areas, thus highlighting the need to worship the culture of Rio Grande do Sul state by the city population. In addition, these centers are considered an important component of the social and cultural environment, which contributes to people's interaction. Finally, it was inferred that the CTGs provide the urban community with collective experimentation of gathering, dialogues, and coexistence of different generations as well as feelings of identity and belonging to the gaucho tradition.*

**Keywords:** cultural geography, organization of space, gaucho traditionalism.

---

<sup>1</sup> Trabalho Final de Graduação - TFG.

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de Geografia - Centro Universitário Franciscano. E-mail: dctl1@hotmail.com

<sup>3</sup> Orientadora - Centro Universitário Franciscano. E-mail: elsbeth.geo@gmail.com

## INTRODUÇÃO

A Geografia Cultural pode ser entendida como “aquilo que se interpõe entre o homem e o meio e humaniza as paisagens” (CLAVAL, 1999, p. 35), sendo que no processo de sistematização da ciência geográfica, a dimensão cultural foi um campo privilegiado de pesquisa na Europa do século XIX. Na Alemanha, a pesquisa sobre os gêneros de vida ganhou grande expressividade nos estudos de Friedrich Ratzel e seus discípulos e, na França, com Paul de La Blache e seus alunos. Entretanto, o interesse pelas pesquisas culturais entrou em declínio pela uniformização da técnica introduzida pelo período técnico-científico-informacional nas décadas que sucederam a Segunda Guerra Mundial. Porém, este declínio foi passageiro, uma vez que, no final do século XX, os estudos culturais foram retomados.

Nesse sentido, Claval (1999) vê um reencontro da ciência geográfica com as questões culturais, a partir da década de 1980, quando os estudos se ligam às representações e aos sentimentos de identidade que estão vinculados aos diferentes grupos e suas influências na paisagem.

As manifestações culturais tornam-se significativos para a Geografia, uma vez que a ação antrópica influencia na organização do espaço, a fim de transmitir os seus hábitos e costumes. Entretanto, a sociedade contemporânea vem passando por profundas mudanças socioespaciais devido ao processo de globalização e mundialização da economia, e, como consequência, a cultura regional e, em especial, o tradicionalismo gaúcho sofrem interferências desses processos que tendem a homogeneizar as diferentes culturas, ditando modelos de consumo a serem seguidos e padronizando o que é específico de cada região.

O Brasil conseguiu manter a sua heterogeneidade cultural que, desde a origem, foi formada por diferentes tradições, que se manifestaram no tempo e no espaço, compondo as diferentes identidades regionais encontradas no território brasileiro. O sul do Brasil, e, especialmente, o estado do Rio Grande do Sul, em sua composição histórica e geográfica, apresenta uma riqueza cultural proveniente de duas vertentes: o *gaúcho*, que era mestiço de índios com portugueses e/ou espanhóis, vivia em uma sociedade nômade, baseada na pecuária, a qual habitava os pampas (gaúcho, uruguaio e argentino); e a *colonização europeia*, efetuada por portugueses e espanhóis, bem como pela imigração alemã e italiana, principalmente. Sendo assim, a tradição gaúcha firmou-se e (re)inventou-se, através dos séculos, incorporando aspectos culturais das diferentes etnias que formaram a sociedade sul-rio-grandense.

Diante disso,

as tradições são (re)inventadas na medida que estão intimamente ligadas ao dinamismo cultural da sociedade moderna. Mesmo (re)inventada, a tradição atua como ingrediente necessário no discurso dos guardiões da tradição. Esse discurso, entre outras coisas, serve para manter a vinculação identitária do grupo e o sentido de coletividade das ações produzidas pelos sujeitos ativos nesse grupo (LUVIZOTTO, 2010, p. 13).

As tradições são (re)inventadas para atender as necessidades das gerações e firmar o sentimento de pertencimento de um grupo específico, possibilitando que a juventude construa sua identidade cultural através de símbolos, crenças, danças folclóricas e outros elementos. Logo, as entidades tradicionalistas, principalmente, os Centros de Tradição Gaúcha (CTGs) são espaços criados para o compartilhamento e a sociabilização das manifestações culturais sul-rio-grandense, construindo a identidade regional e o vínculo do grupo que se declara gaúcho.

A desvalorização e/ou o ‘desconhecimento’ das tradições gaúchas, por grande parte da população local, contribui para estabelecer a questão de pesquisa que é “como ocorre a organização espacial das entidades tradicionalistas na paisagem de Santa Maria - RS”? Neste sentido, a compreensão da espacialidade, dos comportamentos coletivos e de suas representações no espaço aproxima os estudos culturais (de hábitos, costumes, crenças e folclore) da Geografia.

O objetivo, no presente estudo, foi analisar a organização espacial das entidades tradicionalistas na paisagem de Santa Maria (RS), a partir do mapeamento das principais entidades no referido município e, além disso, identificar a contribuição das entidades na preservação e conservação do tradicionalismo gaúcho na atual sociedade líquida.

## REFERENCIAL TEÓRICO

A Geografia Cultural é uma abordagem da Geografia Humana, que procura estudar as características culturais, bem como suas variações no espaço geográfico, concentrando-se na descrição e análise dos fenômenos culturais, que variam de um lugar para outro e nas relações sociais que diferenciam os territórios. Logo, o geógrafo cultural se preocupa em “avaliar o potencial técnico de comunidades humanas para usar e modificar seus habitats” (WAGNER; MIKESELL, 2003, p. 31), ou seja, estuda a distribuição, no tempo e no espaço, de culturas e elementos culturais.

Na sociedade contemporânea, a Geografia Cultural ganha cada vez mais destaque devido à sua importância no estudo do espaço social, que está repleto de uma noção imaterial e cultural, influenciando a paisagem de forma preponderante. Portanto, a análise de diferentes aspectos geográficos possibilita comparar

a distribuição variável das áreas culturais com a distribuição de outros aspectos da superfície da Terra, visando a identificar aspectos ambientais característicos de uma determinada cultura e, se possível, descobrir que papel a ação humana desempenha ou desempenhou na criação e manutenção de determinados aspectos geográficos (WAGNER; MIKESELL, 2003, p. 27).

Neste sentido, o estudo do território a partir dos aspectos culturais revela que a prática de diferentes tradições interfere na paisagem geográfica. Essa manifestação se dá através dos patrimônios materiais (históricos, arqueológicos, bibliográficos, etc.) e dos imateriais (literários, musicais, lúdicos, religiosos e outros comportamentos da vida social). Estes patrimônios estão

enraizados no cotidiano de determinada comunidade, bem como proporcionam um sentimento de pertencimento sociocultural.

A influência da cultura sobre o território, a exemplo da tradição gaúcha, fortalece os aspectos geográficos, pois diversifica a ação do homem sobre a superfície terrestre, diferenciando o espaço de acordo com sua herança cultural, ou seja, o modo de vida partilhada historicamente por grupos culturais. Além disso, ao se deslocarem para diferentes regiões, levam consigo sua territorialidade, reproduzindo-a nas áreas a que se encaminham.

É o caso dos gaúchos, habitantes do Sul do Brasil que, ao migrarem para o Norte-Nordeste do país, buscam manter territórios em escala local sob seu domínio, reproduzindo ali, ao mesmo tempo, profundos laços com os processos de globalização (principalmente no sentido econômico) e estreitos vínculos (principalmente de ordem cultural) com sua região de origem (HAESBAERT, 1999, p. 184).

Portanto, a Geografia Cultural também investiga como um determinado grupo exerce sua territorialidade e, conseqüentemente, como esta cultura materializa-se no espaço e que relações se estabelecem.

Para Wagner e Mikesell (2003), a Geografia Cultural apresenta cinco temas implícitos, que são: a cultura, a área cultural, a paisagem cultural, a história da cultura e a ecologia cultural. Assim, para estes autores, a cultura é entendida como “um meio para classificar os seres humanos em grupos bem definidos, de acordo com características comuns verificáveis, e também um meio para classificar áreas de acordo com as características dos grupos humanos que as ocupam” (WAGNER; MIKESELL, 2003, p. 28), ou seja, a cultura resulta das relações estabelecidas por um grupo que partilha entre si hábitos, costumes e símbolos, que são transferidos tradicionalmente através de rituais e de lembranças históricas.

Sendo assim, a cultura sul-rio-grandense firmou-se a partir do compartilhamento de saberes, de hábitos e de costumes dos primeiros habitantes do território gaúcho (indígenas, colonizadores, escravos e imigrantes), contribuindo significativamente na formação da cultura regional, que se tornou única e diversificada, evidenciado através de códigos culturais próprios, como: gastronomia, musicalidade, lendas, vestimentas, entre outros.

A área cultural é a definição do sítio (área) do estudo geográfico. Deste modo, “o desenvolvimento da Geografia Cultural procede necessariamente da reconstrução das sucessivas culturas de uma área, começando pela cultura original e continuando até o presente” (SAUER, 2003, p. 23), ou seja, é necessária uma investigação sobre a distribuição dos elementos culturais, que constituem a base para o reconhecimento e delimitação de áreas culturais, podendo ser definidos como territórios habitados por grupos com culturas específicas.

A paisagem cultural é a “associação típica de características geográficas concretas numa região ou em qualquer outra subdivisão espacial da superfície terrestre” (WAGNER; MIKESELL, 2003, p. 35-36). A paisagem cultural revela as transformações no espaço realizadas pelas ações an-

trópicas, que apresentam elementos culturais semelhantes. O tradicionalismo gaúcho influencia tanto na organização do espaço como nas vivências típicas desta cultura (rodeios, bailes, desfiles, etc.), investigando como os gaúchos exercem sua territorialidade e, conseqüentemente, como cultura sul-rio-grandense influencia no espaço e que relações estabelecidas.

A história da cultura, para Wagner e Mikesell (2003), é uma forma de evidenciar as afinidades culturais, através de conexões históricas. Desta maneira, ocupa-se com a pesquisa e a representação de determinada cultura em um determinado período e lugar, tendo como elementos essenciais de seu estudo diversos códigos culturais, como as tradições, as crenças, a linguagem, entre outros. A representação de cultura sul-rio-grandense, desde a sua consolidação cultural e suas implicações no espaço geográfico (área de estudo), apresenta elementos essenciais que possibilitam compreender a semelhança cultural e as contribuições das diferentes etnias e/ou gerações que povoaram o Rio Grande do Sul.

A ecologia cultural “dedica-se a problemas do habitat de comunidades culturais em todos os estágios e condições” (WAGNER; MIKESELL, 2003, p. 49), ou seja, considera, descobre, descreve e analisa as ações que se estabelecem e transformam as diferentes paisagens, dando uma contribuição significativa para a compreensão das manifestações humanas sobre o espaço geográfico.

Duncan (2004) afirma que, na paisagem, refletem-se a filosofia, a religião e a ciência. Nesse sentido, a paisagem cultural é testemunha de cultura, de história, de religião, de ideologias e de arte. Simultaneamente, ela é a inspiração e a inspiradora e, quando se está diante de uma paisagem cultural, percebe-se imediatamente a íntima conexão entre as várias formas de vida espiritual que a gerou. Nisto ela se distingue da paisagem geográfica, pois é dotada de ‘vida própria’, de algo profundo e interior, a alma. Os múltiplos significados das paisagens simbólicas espelham ou representam muito dos homens que as criaram e explicam a diversidade cultural do mundo em que se vive.

Portanto, o estudo geográfico dos processos culturais torna-se desafiador na contemporaneidade, uma vez que possibilita a compreensão dos elementos que criaram, compõem e transformam as diferentes regiões da superfície terrestre. Além disso, proporciona maior entendimento das relações humanas com a natureza e sua organização espacial, bem como das relações humanas na trajetória histórica e a transmissão dos valores e dos símbolos que engendram as diferentes identidades.

García Canclini (2006, p. 145) estabelece a compreensão de que a identidade, associada ao território, é instituída pelo conjunto das “vias de comunicação”. Assim, a identidade, de fato, é uma construção, mas “[...] o relato artístico, folclórico e comunicacional que a constitui se realiza e se transforma em relação a condições sócio-históricas não redutíveis à encenação” (GARCÍA CANCLINI, 2006, p. 138). É delineada, simultaneamente, por materialidades e imaterialidades, aspectos objetivos e subjetivos, permanências e rupturas ao longo do tempo histórico.

Massey (2008, p. 111), em seus estudos, defende que as apreensões materialidades e imaterialidades dos territórios não são estáticas, mas dinâmicas “[...] em vez de serem localizações de coerência, tornam-se os focos do encontro e do não encontro, do previamente não relacionado e,

portanto, essenciais para a geração do novo”. O espacial, ao ser permeado por distintas temporalidades, gera, ininterruptamente, novas configurações, que, certamente, desencadeiam persistências, permanências e/ou reconfigurações identitárias. A discussão da identidade remete, portanto, inevitavelmente, à compreensão da alteridade e às relações de pertencimento e não pertencimento que se atrelam ao território.

Assim, diante da formação da cultura regional sul-rio-grandense, lembrada e vivenciada em seus símbolos mais representativos nas Entidades Tradicionalistas, é importante a espacialização cartográfica e o registro fotográfico das diferentes composições patrimoniais existentes em Santa Maria.

## **MATERIAL E MÉTODOS**

A abordagem do presente estudo é de natureza quali-quantitativa, pois buscou identificar e mapear as entidades tradicionalistas de Santa Maria, Rio Grande do Sul, bem como compreender as influências que estas exercem na paisagem do município.

A materialização do tradicionalismo gaúcho mostrou-se essencial para a compreensão do objeto de pesquisa e sua descrição. Assim, do ponto de vista de seus objetivos, esta pesquisa pode ser considerada descritiva.

Com relação aos procedimentos metodológicos, a princípio se realizou uma revisão bibliográfica sobre as temáticas: geografia cultural e sua relação com a tradição. Após, foi identificado as entidades tradicionalistas de Santa Maria (RS), bem como foi verificado *in loco* a localização destas. Durante as saídas de campo, para a visitação das entidades tradicionalistas, se realizou um levantamento fotográfico, que serviu para ilustrar os mapas, que foram construídos no Programa *ArcGIS*, da ESRI, e mapeadas as principais entidades tradicionalistas identificadas nos dez distritos do município.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

No Rio Grande do Sul, após a Segunda Guerra Mundial, estabeleceram-se valores culturais provenientes, principalmente, dos Estados Unidos, que, ao se consolidar como potência política e econômica do sistema capitalista, passou a determinar e a influenciar regras e padrões que foram incorporados e seguidos pelo restante do mundo (filmografia, influência musical, hábitos alimentares, danças, bem como a predominância do idioma inglês). É neste contexto, que em Porto Alegre, foi organizada uma resistência à banalização da cultura local, conhecido atualmente como Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG).

O movimento tradicionalista começou a conquistar sentido cultural e espaço histórico na sociedade gaúcha após a fundação do primeiro Centro de Tradição Gaúcha - o “35 CTG”. Esta entidade foi criada na capital, em 24 de abril de 1948, por 24 estudantes secundários, entre eles Paixão Côrtes,

Luiz Carlos Barbosa Lessa e Glaucus Saraiva, a maioria do Colégio Estadual Júlio Castilhos e quase todos oriundos do interior do Rio Grande do Sul, mais precisamente da Região da Campanha Gaúcha (MARIANTE, 1976). Inicialmente, era uma associação constituída unicamente por rapazes, quase todos jovens e estudantes universitários.

A partir desta iniciativa o movimento tradicionalista expandiu-se pelo Estado, com a criação de várias entidades tradicionalistas e surgiu, também, a necessidade de criar regulamentos e normas para reger a prática tradicionalista gaúcha. Desta maneira, para organizar e regulamentar estas novas entidades, Emílio Rodrigues, integrante do CTG Ponche Verde (primeiro CTG santa-mariense), tomou a iniciativa de reunir uma heterogênea comunidade tradicionalista em torno de uma identidade cultural e de homogeneidade ideológica (CAMARGO, 2006). Logo, o município de Santa Maria foi sede do Primeiro Congresso Tradicionalista, em 1954, no qual participaram escritores, poetas, músicos, historiadores, políticos e representantes de praticamente todos os CTGs existentes na época, que buscavam maior entrosamento entre as entidades tradicionalistas.

O tradicionalismo gaúcho no município de Santa Maria (RS) pode ser considerado forte, notabilizado pela existência de várias entidades tradicionalistas. Atualmente, o município possui 42 entidades (Figura 1) tradicionalistas, que estão subdivididas em: Centro de Tradição Gaúcha - CTG (20) - Piquete de Laçadores - PL (8), Departamento Tradicionalista - DT, DTG e DACT (8), Associação Tradicionalista - AT (2), Departamento Tradicionalista Cultural Estudantil - DTCE (2), Centro de Tradições Folclóricas - CTF (1) e Centro de Pesquisas e Folclore - CPF (1).

**Figura 1** - Mapa de localização das Entidades Tradicionalistas de Santa Maria, RS. Santa Maria, 2014.



Diante da variedade de siglas é importante esclarecer que o Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG) congrega as entidades legalmente constituídas e estas podem receber diferentes denominações. Os piquetes, em sua maioria, são vinculados a algum Centro de Tradição Gaúcha (CTG). O DT, DTG, DCTE e DACT possuem vínculo com alguma instituição financiadora. O AT, CPF e CTF são considerados CTGs, uma vez que seguem os mesmos princípios estabelecidos pelo MTG, variando apenas a denominação.

Como se pode observar na figura 1, a espacialização das entidades tradicionalistas, principalmente dos CTGs, ocorre na área urbana de Santa Maria, evidenciando a necessidade que a população cidadina tem em preservar a cultura sul-rio-grandense, uma vez que no meio urbano o jovem está mais propenso a *aceitar* os aspectos culturais de outras regiões e/ou países. Sendo assim, o gaúcho tradicionalista, no intuito de reverenciar e reviver o cenário rural, dentro das áreas urbanas, recriam locais e elementos que remetem as vivencias das gerações passadas, como a lida campeira, a gastronomia, os bailes, o artesanato, etc., a fim de perpetuar seus hábitos e costumes. Essa partilha e socialização das práticas culturais ocorrerem em lugares específicos, principalmente nos CTGs (Figura 2).

**Figura 2** - Mapa de localização dos Centros de Tradição Gaúcha (CTGs) de Santa Maria (RS). Santa Maria, 2014.



Os CTGs, assim como as demais entidades tradicionalistas representam na contemporaneidade os galpões das estâncias, onde os peões através das internadas (cultural, campeira, artística, social e jovem) partilham seus hábitos e costumes. Enfim, criam com isso, momentos de sociabilidade, construindo a identidade sociocultural. Os CTGs, pelo menos ao nível ideológico, oferecem ao gaúcho um espaço (dentro do meio urbano) para cultivar seu orgulho, seus valores e suas práticas culturais (LEAL, 1992).

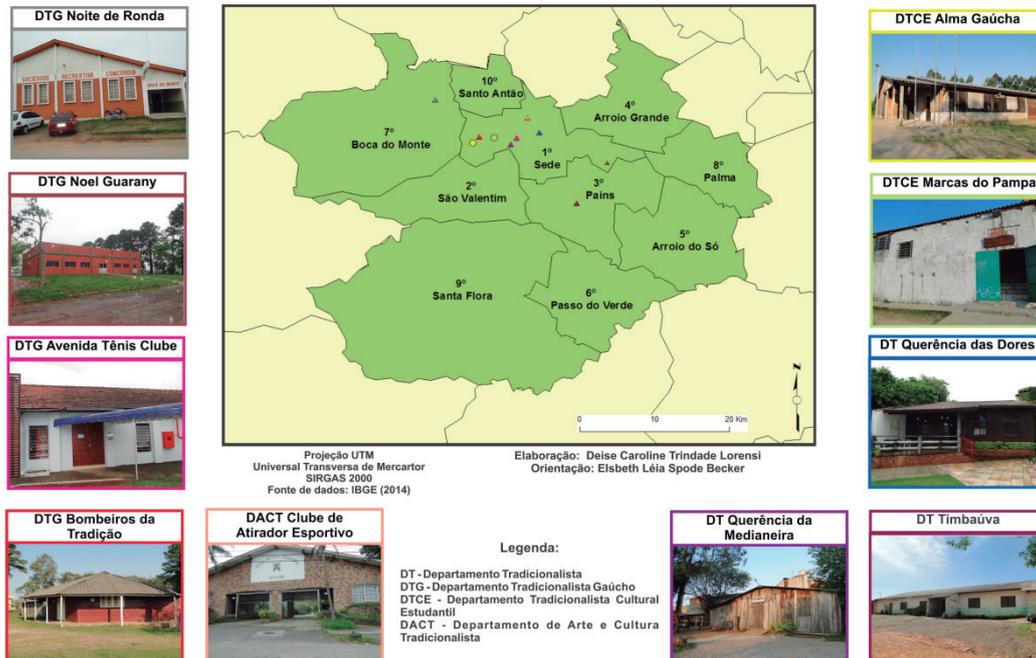
A maioria dos Departamentos Tradicionalistas (DTs) de Santa Maria (Figura 3) estão relacionados com clubes sociais e empresas locais, pois estas entidades não possuem autonomia financeira. O Departamento de Tradição Gaúcha (DTG) Noite de Ronda, localiza-se nas dependências do Clube Concórdia, no distrito de Boca do Monte; e o DTG Noel Guarany, no Parque de Eventos da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); O DTG Avenida Tênis Clube, nas dependências do clube de mesmo nome; o DTG Bombeiros da Tradição está vinculado ao 4º Comando Regional de Bombeiros (4º CRB), localizado no Bairro Parque Pinheiro Machado; o Departamento de Arte e Cultura Tradicionalista (DACT) Clube de Atirador Esportivo, localizado no bairro Nossa Senhora do Perpétuo Socorro; O Departamento Tradicionalista (DT) Querência da Medianeira, localiza-se nas dependências da Expresso Medianeira, voltado para divulgar a cultura sul-rio-grandense entre os funcionários da empresa; o DT Querência das Dores está vinculado ao Clube Recreativo Dores; e o DT Timbaúva, localizado no distrito de Pains, é o único departamento tradicionalista que não está vinculado a uma instituição mantenedora, uma vez que possui autonomia financeira.

Os Departamentos Tradicionalistas Cultural Estudantil (DTCEs) Marcas do Pampa e Alma Gaúcha, estão vinculados respectivamente a Escola Municipal de Ensino Fundamental Irmão Quintino (bairro Juscelino Kubitschek) e o Colégio Estadual Tancredo Neves (bairro Tancredo Neves). Estas entidades contribuem significativamente na divulgação da cultura regional, através do culto e da transmissão dos costumes, dos hábitos, da arte, da dança, da música, da poesia, do artesanato e da gastronomia do Rio Grande do sul, dentro das instituições educacionais.

Além disso, os DTCEs despertam na comunidade escolar o interesse pela pesquisa e pelo estudo da história do Rio Grande do Sul, uma vez que estas entidades realizam durante o ano letivo atividade que possibilitam a divulgação do tradicionalismo e a construção da identidade cultural. O trabalho desenvolvido é contínuo, ou seja, não é apenas componente curricular dos 5º anos ou abordada apenas na Semana Farroupilha, como nas demais instituições educacionais.

Figura 3 - Mapa de localização dos Departamentos Tradicionalistas de Santa Maria (RS). Santa Maria, 2014.

### Departamentos Tradicionalistas de Santa Maria, RS



Os Piquetes de Laçadores (Figura 4) são considerados pelos tradicionalistas uma extensão do CTG, ligado a Invernada Campeira e com sede própria. Os piquetes de laçadores são uma porção de campo, cercada, junto ao galpão para deixar animais (cavalos) de montaria, machucados, com cria, etc. (HOWES NETO, 2009). Os aspectos campeiros dos PLs proporcionam ao jovem citadino uma estreita relação com o cavalo, bem como remontam a lida do campo. Os PLs possuem *pistas* onde é praticado o *tiro de laço*, localizadas longe do centro das cidades, ou até mesmo em pequenas propriedades na periferia do distrito sede.

Entretanto, na paisagem santa-mariense existem inúmeros piquetes de laçadores que não são afiliadas ao MTG. Estes piquetes são formados por grupos de jovens que promovem festas e alto consumo de bebidas alcoólicas, “não possuem o espírito coletivo, corporativo, autêntico e ético, além de não reafirmar nem o Estatuto nem a Carta de Princípios do Movimento Tradicionalista” (HOWES NETO, 2009, p. 99).

As demais entidades tradicionalistas (Figura 5) proporcionam à vivência e o culto das tradições gaúchas. Estas entidades recebem denominações diferentes, como Associação Tradicionalista (AT), Centro de Pesquisas e Folclore (CPF) e Centro de Tradições Folclóricas (CTF), localizadas no distrito sede de Santa Maria. Estas entidades tradicionalistas seguem a mesma organização de um CTG, ou seja, estruturam-se a partir das invernadas culturais, campeiras, artísticas, sociais. Além disso, são entidades transmissoras da herança cultural sul-rio-grandense e através da prática e da divulgação dos hábitos e costumes, proporcionando a construção de valores e princípios morais, modos de agir e pensar coletivamente.

Figura 4 - Mapa de localização dos Piquetes de Laçadores de Santa Maria (RS). Santa Maria, 2014.



Figura 5 - Mapa de localização de Outras Entidades Tradicionalistas de Santa Maria (RS). Santa Maria, 2014.



Constatou-se que as entidades tradicionalistas em Santa Maria (RS) é um importante componente desencadeador para o convívio da população em suas múltiplas expressões sociais e culturais. Por fim, evidencia-se que é necessário o resgate e a valorização da tradição gaúcha na contemporaneidade, principalmente entre a população mais jovem, pois estes reproduzem os costumes, mas muitas vezes, não conhecem a origem e o contexto histórico da tradição gaúcha.

## CONCLUSÕES

Diante das várias entidades tradicionalistas do município de Santa Maria (RS) e da influência destas no espaço geográfico santa-mariense, constata-se a existência de uma forte relação de identidade da população com os aspectos geográficos que remontam à identidade cultural e histórica do tradicionalismo gaúcho.

As manifestações tradicionalistas (bailes, rodeios, cavalgadas, desfile tradicionalista, concursos, etc.) que acontecem nesses espaços potencializam a construção da identidade cultural sul-rio-grandense no município, bem como promovem no meio urbano a experimentação coletiva, de encontro, de diálogo, de convivência das diferentes gerações e de sentimentos de identidade e de pertencimento da população em relação à tradição gaúcha.

A espacialização das entidades tradicionalistas em Santa Maria (RS) não ocorre de forma homogênea sobre o espaço geográfico local, uma vez que se concentram no distrito sede e os distritos Arroio Grande e Palma não possuem nenhuma entidade tradicionalista cadastrada na 13ª Região Tradicionalista.

A organização espacial das entidades tradicionalistas exibem diversas dimensões (políticas, econômicas e sociais) que, embora interagindo, são dotadas de relativa autonomia, pois se estabelecem na paisagem a partir das necessidades de culto ao tradicionalismo.

## REFERÊNCIAS

CAMARGO, Odalgil Nogueira de. **Falando em tradição e folclore**: conhecimentos básicos da cultura e tradições do Rio Grande do Sul. Passo Fundo: Méritos, 2006.

CLAVAL, Paul. **Geografia Cultural**. Florianópolis: UFSC, 1999.

DUNCAN, James. A paisagem como sistema de criação de signos. In: CÔRREA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Paisagens, textos e identidade**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. p. 91-132.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Consumidores e cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

HAESBAERT, Rogério. Identidades Territoriais. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

HOWES NETO, Guilherme. **De bota e bombacha**: um estudo antropológico sobre as identidades gaúchas e o tradicionalismo. Santa Maria: UFSM, 2009.

LEAL, Ondina Fachel. Honra, morte e masculinidade na cultura gaúcha. In: TEIXEIRA, Sérgio Alves; ORO, Ari Pedro (Org.). **Brasil e França**: Ensaios de Antropologia Social. PPGAS - UFRGS, n. 6, 1992.

LUVIZOTTO, Caroline Kraus. **As tradições gaúchas e sua racionalização na modernidade tardia**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

MARIANTE, Helio Moro. **História do tradicionalismo sul-rio-grandense**. Porto Alegre: IGTF, 1976.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

SAUER, Carl Ortwin. Geografia cultural. In: CÔRREA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

WAGNER, Philip L.; MIKESELL, Marvin W. Os temas da geografia cultural. In: CÔRREA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

